

MARIA JOSÉ SILVEIRA

DE ONDE  
VÊM  
≈ AS ≈  
HISTÓRIAS

BIRUTA

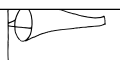


MARIA JOSÉ SILVEIRA

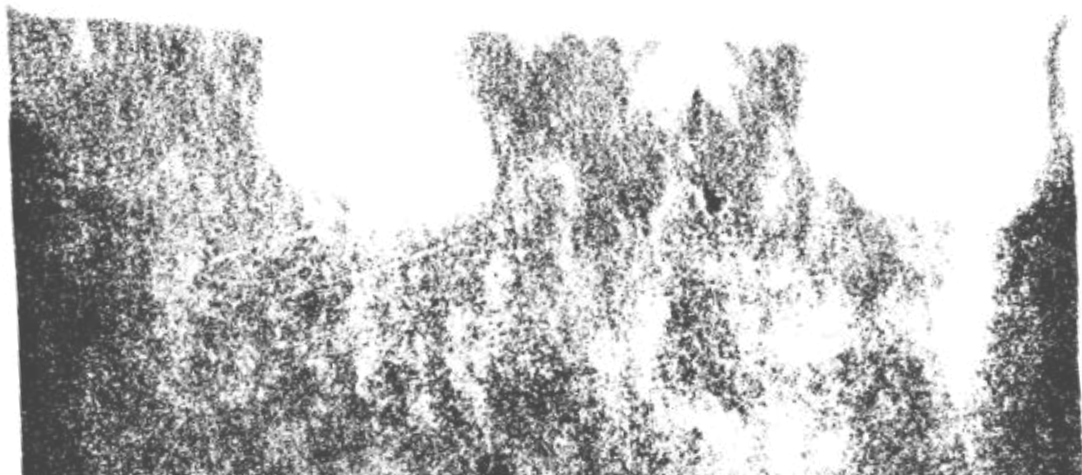
DE ONDE  
VÊM  
≈ AS ≈  
HISTÓRIAS

São Paulo - 2024

BIRUTA



Para Felipe, com quem discuti  
cada uma destas ideias.



*A literatura não é um passatempo nem uma evasão,  
mas uma maneira – talvez a mais completa e  
profunda – de examinar a condição humana.*

Ernesto Sabato

# Sumário

**Apresentação**

**Ninguém foge de sua vida, muito menos o escritor**

**A personagem invisível**

Uma pequena análise de caso

**Os queridos mortos e os queridos vivos, ou A sala cheia**

**Literatura tem sexo?**

**Tem política na literatura?**

Outra pequena análise de caso

**Abandonando a vida dupla: o escritor como profissional**

**O processo criativo do escritor e a chamada inspiração**

**A economia da atividade literária**

**Escrevendo para jovens e crianças**

A literatura primeira e a literatura de passagem

Escrevendo para jovens e crianças: apontamentos

**A criação dos personagens: a voz de alguns escritores**

**Apêndice: Os autores que estavam comigo na sala**

Os queridos mortos

Os queridos vivos

**Agradecimentos**

**A autora**

# Apresentação

Aconteceu comigo algo que deve acontecer com muitos de nós, escritores.

Tão logo começamos a escrever ficção, começamos também a tentar compreender esse processo estranho, enriquecedor e gratificante que é o de inventar um pedaço de mundo, ainda que feito apenas de palavras, e com personagens que só existem ali.

Como explicar com clareza o que fazemos? Como explicar o que é a literatura? Como explicar exatamente por que um conjunto de palavras é capaz de expressar um instante da vida de um ser humano e conseguir, com isso, emocionar um outro ser humano?

Como definir o que produz essa centelha, essa faísca? Ela é tão subjetiva, tão indecifrável, e pode ser tão diferente para cada um de nós.

Além disso, quando escrevemos acabamos sendo convidados para palestras, debates, entrevistas, e temos que tentar dizer algo minimamente interessante para não decepcionar demais nossos leitores. Ainda que, como disse Margaret Atwood, escritora canadense que ocupa um lugar de destaque em meu panteão particular, “querer conhecer melhor um escritor é como querer conhecer o ganso depois de comer seu patê”. É muitíssimo raro um escritor de carne, osso e sangue ser mais interessante que seus livros.

Seja como for, na expectativa de também conhecer a cara desse leitor para o qual escrevemos, lá vamos nós para esses encontros públicos e com isso acabamos refletindo bastante sobre quem somos e o que fazemos.

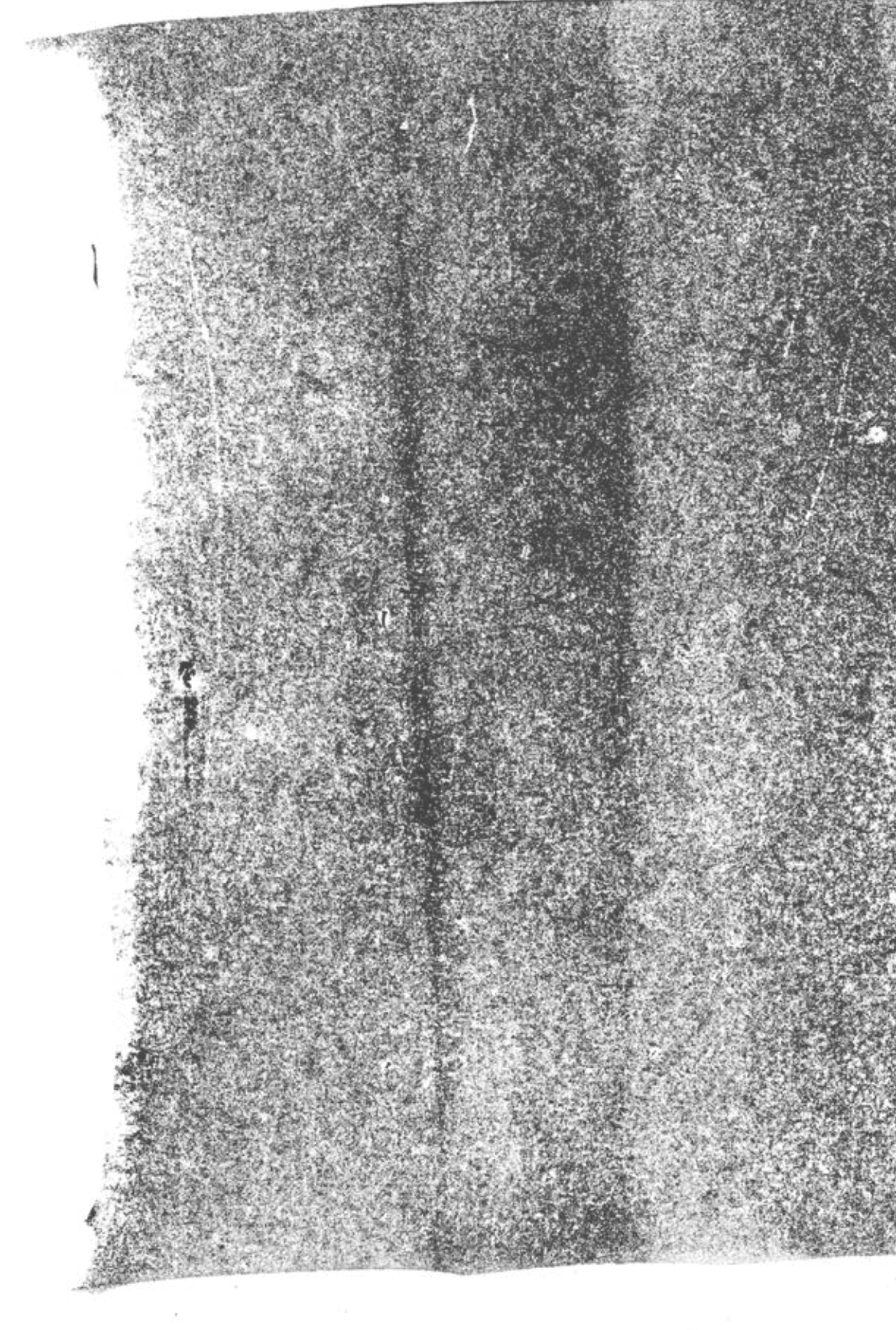
Este livro é um resultado desses encontros, que aconteceram em eventos do Rumos, organizados pelo Itaú Cultural (em sua

sede na cidade de São Paulo e em Buenos Aires), na Casa das Rosas, no Instituto Pensarte (ambos em São Paulo), no Fórum de Ouro Preto, em Passo Fundo, e em eventos acontecidos em Portugal e na Espanha.

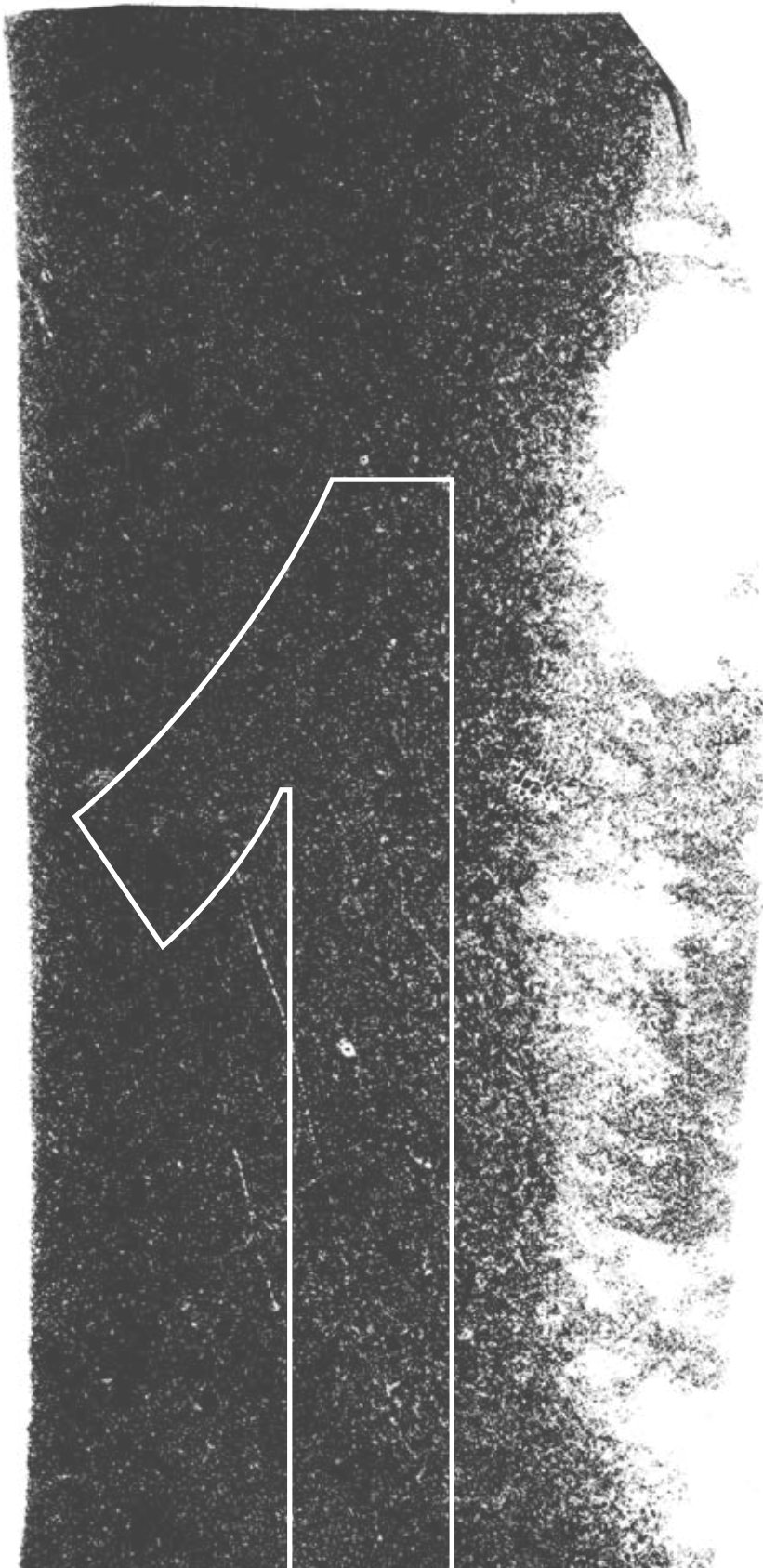
Em alguns momentos, uso meus livros como exemplos porque evidentemente é deles que sei mais. Procuro também, sempre que possível, colocar citações de outros escritores, não só como um apoio, mas também para que se torne claro que, embora particulares, as ideias que defendo não são tão pessoais assim.

Aliás, como espero que este livro mostre, por mais originais e criativas que sejam, nossas ideias nunca são tão pessoais assim.









## Capítulo 1

# Ninguém foge de sua vida, muito menos o escritor

*Sempre evitei falar de mim.  
Falar-me. Quis falar de coisas.  
Mas na seleção dessas coisas  
não haverá um falar de mim?*

João Cabral de Melo Neto

É também do poeta João Cabral de Melo Neto esta frase: “O importante para um escritor é não querer ser o que, realmente, ele não é.”

Pois de onde vem o que nós, escritores, escrevemos? De que mundo tiramos nossas tramas e vidas tão diferentes de nós mesmos; de que mundo tiramos nossa linguagem?

A resposta que dou a essa questão pode parecer um paradoxo (e é a seguinte).

A ficção autobiográfica é a doença infantil da literatura – como o sarampo –, e uma das primeiras medidas que um escritor deve tomar, antes mesmo de se sentar para escrever, é se vacinar contra ela. No entanto, e ainda assim, mesmo devidamente vacinado, toda ficção é, em certo nível, autobiográfica.

Quando digo que a ficção autobiográfica é como uma doença infantil, não me refiro ao que hoje existe quase como um novo gênero, a chamada “autoficção”, criada pelos franceses, mas sim ao fato de que a reluzente maçã com que a serpente tenta um escritor iniciante é que escreva sobre sua vida. O que é muito

comum e perfeitamente explicável. Um escritor escreve sobre algo de que tem conhecimento e provoca sua imaginação, portanto nada mais natural do que escrever sobre o que lhe aconteceu. É o caminho *aparentemente* mais fácil. No entanto, é o mais desastroso e difícil. Só um escritor já experiente e capaz consegue transcender sua história de vida particular e transformá-la em algo que interesse ao Outro. É uma tarefa para os bons. Mas é a armadilha em que os novatos frequentemente caem e muitas vezes não conseguem jamais se levantar.

É quase sempre ruim o resultado desse tipo de literatura iniciante que parte da confusa floresta de um pequeno “eu” e nela se perde, e dela não consegue se livrar, porque a partir desse ponto inicial é quase impossível imaginar um horizonte maior e alçar voo.

Isso dito, contudo, chegamos à segunda parte do paradoxo: toda ficção é, em certo nível, autobiográfica. Não de maneira direta, e sim mediante inúmeras e sutis mediações.

Se pensarmos bem, veremos que não poderia ser de outra forma.

A matéria-prima do escritor é a observação do mundo, e o ponto do qual ele o observa não pode ser outro que não o seu, ali onde ele está, ali onde sua vida o colocou. É a partir dali que ele vê, sente, aprende, se inquieta, escolhe, pensa e escreve. Não há como escapar disso. É de sua vida – ou seja, sua biografia – que sua literatura existe.

Isso parece óbvio – e o é –, mas é dessas verdades que, de tão óbvias, podem passar despercebidas. Em cada livro que um autor escreve, se alguém quiser mesmo saber, vai encontrar sua origem na vida desse autor. Em alguns, essa relação é clara; em outros, nem tanto, pois nem mesmo o escritor está de fato consciente de todos os entrecruzamentos que seus caminhos tomam em seu mundo subjetivo. Mas essa relação sempre estará presente, de um jeito ou de outro.

Muitas vezes, a vacina contra a ficção autobiográfica primária

funciona tão bem que muitos autores passam a ter alergia a esse tipo de colocação e começam a achar que sua literatura – sabe-se lá como – é um sopro inexplicável e insondavelmente misterioso a que chamam de inspiração. Que a inspiração é algo misterioso, é fato, mas quando ocorre, ela surge justamente da vida – e do inconsciente que a vida formou – desse autor.

Vou lhes contar uma pequena história. É uma história da Paris do começo do século, a Paris da Belle Époque, onde Picasso começou a criar o novo olhar que provocaria uma revolução na história da arte: o cubismo.

De onde veio esse novo olhar de Picasso?

De uma pequena estatueta roubada do Louvre por um amigo que Apollinaire lhe apresentou. Esse amigo se sustentava vendendo estatuetas que roubava de uma sala meio abandonada do enorme museu, e Picasso comprou pelo menos uma delas. Nessa estatueta – que se pensava ser fenícia, mas de fato era ibérica –, e no seu afã de estudá-la, examiná-la, entender a maneira como ela tratava as várias dimensões da figura que representava, Picasso acabou fazendo algum estrago. Foi essa estatueta roubada que serviu, ao ser examinada com tanto afincamento pela genialidade e habilidade do pintor, para lhe dar ideias de como fazer sua própria representação das dimensões dos objetos e figuras numa tela.<sup>1</sup>

Quer dizer que, se Picasso não estivesse em Paris naquele momento de efervescência e agitação no meio artístico, se não tivesse o amigo ladrão, se não fosse a possibilidade de ter em mãos essa estatueta roubada, o cubismo não teria nascido? Jamais alguém ousaria tal simplificação. Trata-se apenas de lembrar que o próprio Picasso, ao falar de suas influências, afirmou a importância daquela arte exótica para a sua – influência que recebeu por intermédio de um ladrão, em sua vivência da Belle Époque, em Paris.

---

1. Essa história é contada com detalhes no livro *Os crimes de Paris*, do casal Dorothy e Thomas Hoobler (1ª edição, 2013, Três Estrelas).

Voltando aos escritores, Virgínia Woolf diz, em uma introdução a *Mrs. Dalloway*:

É verdade que o autor, se quiser, pode nos contar alguma coisa de si e de sua vida que não está no romance; e é algo que devemos incentivar. Pois não existe nada mais fascinante do que se enxergar a verdade por trás daquelas imensas fachadas de ficção – isso se a vida for de fato verdadeira e se a ficção for de fato fictícia. E provavelmente a ligação entre ambas é de extrema complexidade. Livros são flores ou frutas pendentes aqui e ali numa árvore com raízes profundas na terra de nossos primeiros anos, de nossas primeiras experiências.

Antonio Muñoz Molina, também falando do que aprendeu como escritor:

Aprendi que uma parte muito grande do trabalho de escrever um livro vai sendo feita sem que o escritor se dê conta, muito antes de começar a escrita. O projeto de um romance ou de qualquer texto narrativo só vale alguma coisa quando é o resultado da cristalização de experiências, leituras, imagens, recordações, desejos, que de repente se fazem visíveis e se vinculam entre si como um mapa de conexões neurônicas.

E Michael Cunningham, em entrevista:

É sempre difícil avaliar se há muito ou pouco conteúdo autobiográfico no trabalho de um romancista. (...) Todos os romances são, até certo ponto, autobiográficos porque o escritor ou escritora deve usar sua experiência, ainda que fortemente disfarçada. A experiência vivida por um autor

é o que ele conhece do mundo. Não pode deixar de usá-la como fonte.

François Mauriac é ainda mais explícito:

Nesses ambientes sombrios em que escoou sua infância, nessas famílias ciosamente fechadas aos estranhos, nessas regiões perdidas, nesses rincões de províncias por onde ninguém passa, havia uma criança espiã, um traidor inconsciente de sua traição, que captava, registrava, retinha, sem o saber, a vida de todo dia em sua complexidade obscura. Uma criança parecida às outras e que não despertava suspeitas...

Essa criança, evidentemente, é o escritor:

Como esses pássaros ladrões, como essas pegas das quais se diz que colhem no bico os objetos brilhantes e os dissimulam no fundo de seus ninhos, o escritor, em sua infância, faz uma provisão de faces, silhuetas, palavras; uma imagem o impressiona, uma opinião, uma anedota... e mesmo que ele mal se dê conta, tudo isso persiste nele, em vez de se aniquilar como nos outros homens; tudo isso, sem que ele saiba, fermenta, vive uma vida obscura e assomará quando chegar a hora.

Não só na infância.

Essas imagens e impressões vão se formando – e se acrescentando – por toda a nossa vida.

No caso de Mauriac, suas recriações chegaram a provocar queixas e reclamações dos habitantes de sua aldeia natal que se

viam retratados, ainda que o escritor procurasse negá-lo com veemência porque, a rigor, não falara de ninguém específico, apenas usara, quase sem saber, um ou outro traço.

Suponho que todos nós, escritores, quer tenhamos pensado sobre isso ou não – e a não ser que ele ou ela prefira mistificar sua própria história –, sabemos que é assim.

A pessoa que escreve é aquele indivíduo específico, com data e local de nascimento, com seu aprendizado, as observações e vivências de infância, adolescência, juventude e amadurecimento, com seus traumas, sensações, sentimentos, emoções, temperamento, escolhas, amores, interesses e desejos – tudo, enfim, que forma uma vida. É essa pessoa única e insubstituível que está em todos os detalhes do livro que escreve: foi ela quem escolheu o tema, os personagens, o local, a trama e a linguagem.

Digamos – para continuar seguindo a metáfora de Virgínia Woolf – que o escritor é um pedaço de chão. Formado pela memória e experiência individuais, dentro de um determinado tempo e espaço. E é nesse sentido que o escritor é também – queira ou não, saiba-o ou não – parte da memória e das experiências coletivas do lugar e do tempo em que está vivendo.

Um romance – ou conto, ou qualquer outro texto de ficção – nasce de alguma pequena ideia, ou sugestão, de uma imagem, uma cena. Começa com o desejo daquela determinada pessoa de entender aquilo, e então o narrar. O que ela só pode fazer com suas habilidades específicas de conhecimento da linguagem. Habilidades que aprendeu, exercitou, aprimorou e continuamente tentará aprimorar no decorrer de sua vida.

Não há como fugir disso.

\*\*\*

Se for necessário concretizar melhor, deixe-me falar do meu caso, que é o único que posso conhecer relativamente bem. Quando comecei a escrever, eu era do tipo vacinado. Achava que minha



história de vida não interessava a ninguém a não ser a mim mesma, ao meu marido e meus filhos, e olhe lá. Fiquei, portanto, extremamente surpresa ao perceber que as coisas não eram bem assim.

Para começar, minha origem. Nasci em uma pequena cidade do interior de Goiás, perfeita para um escritor, já que parecia saída de uma ficção brasileira. Era uma cidade, na época, dividida entre duas famílias de políticos, inimigas uma da outra, e tinha seus loucos, seus bobos, seu médico, juiz, farmacêutico, suas histórias de assombrações, capangas, mortes fantásticas, trombas d'água, bichos. A cidadezinha típica do interior do país no final da década de 1940. Não cresci lá – com poucos meses minha família se mudou para Goiânia –, mas voltava sempre nas férias para a casa de minha avó, cheia de primos e tios, e todo tipo de aventuras e descobrimentos. Aos 13 anos, fui para um internato em Belo Horizonte, depois passei um tempo em Nova York. Quando voltei, minha família se mudou para Brasília, e lá fiquei até terminar a universidade. Formada, passei um tempinho em Paris, e então me mudei para São Paulo. Poucos anos depois, fui para Lima e, de volta ao Brasil, para o Rio de Janeiro, depois outra vez para São Paulo. Ou seja, sempre fui meio cigana e, adulta, me considerava completamente distante de Goiás, aonde ia apenas nas férias de final do ano para visitar a família. A rigor, não podia dizer que admirava minha terra natal – que sofria, na época, certo preconceito de atraso –, nem que tinha dela algum tipo de saudade especial. Na verdade, eu era muito crítica em relação a várias coisas que via ali.

Foi quase um choque, portanto, quando, ao começar a escrever, me descobri profundamente goiana. Culturalmente goiana, apaixonada pelo planalto central, pelo cerrado, pela luminosidade do seu céu, suas cores, sua música, paisagem, a vastidão sem limites do horizonte goiano. Foi preciso começar a escrever para descobrir que uma das coisas que muito me emociona é ter de parar numa estrada para deixar passar o rio formado por uma